



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DELTA DO PARNAÍBA - UFDPAR
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO - CMRV
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA FILHO

**"O QUE DESEJO AINDA NÃO TEM NOME": A TEORIA FREUDIANA DO
DESEJO EM CENA NA OBRA "PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM", DE
CLARICE LISPECTOR**

PARNAÍBA

2024

FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA FILHO

**"O QUE DESEJO AINDA NÃO TEM NOME": A TEORIA FREUDIANA DO
DESEJO EM CENA NA OBRA "PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM", DE
CLARICE LISPECTOR**

*Trabalho apresentado como requisito parcial
para obtenção de aprovação na disciplina de
TCC I do curso de Bacharelado em
Psicologia/ Formação do Psicólogo, da
Universidade Federal do Delta do Parnaíba,
campus Ministro Reis Veloso.*

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Freitas Pereira

PARNAÍBA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

S586d	<p>Silva Filho, Francisco das Chagas “O que desejo ainda não tem nome”: a teoria freudiana do desejo em cena na obra “Perto do coração selvagem”, de Clarice Lispector. [recurso eletrônico] / Francisco das Chagas Silva Filho. – 2024.</p> <p style="text-align: center;">TCC (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2024. Orientação: Prof. Dr. Gustavo Freitas Pereira.</p> <p style="text-align: center;">1. Psicanálise 2. Teoria Freudiana. 3. Literatura. 4. Obra Perto do Coração Selvagem. 5. Clarice Lispector. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 150.195</p>
--------------	--

Resumo:

O trabalho em questão, discorre sobre o conceito de desejo, segundo o capítulo 07 do livro “A Interpretação dos Sonhos”, a partir da análise do livro “Perto do Coração Selvagem”. A metodologia utilizada será a de investigação psicanalítica. Freud define desejo como a busca do sujeito por anular a separação irreversível entre ele e os objetos primários de satisfação. Tal análise, se dividirá na descrição da relação da Joana, protagonista do livro, com o pai, o professor, o marido (Otávio) e um desconhecido que ela mantém um caso extraconjugal. Em concomitância com a descrição do livro, se buscará o estudo do conceito de desejo, de acordo com a teoria freudiana.

Palavras-chave: desejo, psicanálise, literatura.

Abstract:

The work in question discusses the concept of desire, according to chapter 7 of the book “The Interpretation of Dreams”, based on the analysis of the book “Perto do Coração Selvagem”. The methodology used will be psychoanalytic research. Freud defines desire as the subject's quest to annul the irreversible separation between himself and the primary objects of satisfaction. This analysis will be divided into the description of the relationship between Joana, the protagonist of the book, with her father, her teacher, her husband (Otávio) and a stranger with whom she has an extramarital affair. In conjunction with the description of the book, we will seek to study the concept of desire, according to Freudian theory.

key words: desire, psychoanalyses, literature.

1 Introdução

Desde Freud, há uma sucessiva intersecção entre a Psicanálise e a Literatura, tal intersecção foi se formando no decorrer do tempo, o que culminou em certos conceitos. O diálogo entre as duas áreas do saber em questão, por sua vez, é construído de acordo com a concepção de sujeito e das múltiplas possibilidades de uso da palavra (Homem, 2021).

De acordo com Bellemin-Nöel (1978), Freud, o criador da Psicanálise, era um apaixonado pelos mais diversos tipos de literatura. Sua cultura era a proporcionada na Áustria

clássica.

A título de exemplo, os nomes citados com mais recorrência nas suas obras são autores já renomados por volta de 1870: Boccaccio, Aristófanes, Diderot, Cervantes, Hebbel, Goethe, Hesíodo, Heine, Homero, Hoffmann, Tasso, Horácio, Molière, Milton, Schiller, Rabelais, Sófocles, Swift, Shakespeare. Quanto aos autores que são seus contemporâneos, temos: Flaubert, Dostoiévsky, Ibsen, Anatole France, Thomas Mann, Kipling, Schopenhauer, Nietzsche, Mark Twain, Bernard Shaw, Stefan Zweig, Zola e Oscar Wilde (Bellemin-Nöel, 1978).

O autor supracitado, destaca que Freud procurava extrair das suas leituras, primeiramente, paradigmas fundamentados que se tornaram memoráveis para ele e que possibilitasse adornar o seu texto com citações, levando em consideração a utilização do bem-escrever próprio de sua época (Bellemin-Nöel, 1978).

Nobre (2010), complementando Bellemin-Nöel (1978), afirma que Freud opera como um arqueólogo da psique humana, tendo em vista que procura a produção de sentido através do que é exposto pelo autor, pressupondo que nas entrelinhas de qualquer obra artística, existe uma psique criadora marcada por uma história libidinal e permeada de identificações, nas quais cada membrana de criação foi engendrada por motivos próprios determinados.

O interesse de Freud pelos textos literários, orientava-se por dois eixos: aditivo e extrativo. O primeiro, o aditivo, trata-se de um debruçamento de Freud sobre tais textos com a intenção de desvendá-los. Ele frisava alguns pontos, como, por exemplo, a origem do gênio, condição estética, o papel da arte no que se refere ao sujeito, a reconstrução fantasmática do autor e a diferença criadora. Nesses trabalhos, o criador da Psicanálise, analisa as limitações das análises psicanalíticas (VILLARI, 1997).

Ademais, no segundo eixo, denominado de extrativo, Freud faz uma articulação da Literatura, e da arte, considerando-as como campos de investigação hábeis a nomear algo a mais em relação ao real, levando em consideração que sua técnica não conseguiu tal objetivo completamente. Isto é, ele buscava o conhecimento literário com o objetivo de sanar aquilo que o campo psicanalítico não poderia ser capaz de atingir (VILLARI, 1997).

A partir da elucubração sobre a passagem do brincar para o fantasiar, Freud (1908/2015) estabelece a seguinte hipótese para criação literária, a qual ele coloca, em certo nível, como paralela:

(...) uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária [Dichtung]; a própria criação literária permite que se

reconheçam tanto elementos de acontecimentos recentes quanto também antigas lembranças (FREUD, 1908/2015, p. 40).

Freud (1908/2015) acredita que essa forma de perceber as produções tende a ser fecunda. Menciona que não se deve esquecer que a ênfase nas memórias pueris na vida dos poetas deriva da conjectura de que a criação poética, da mesma maneira que o sonho diurno, é uma substituição e um desdobramento das brincadeiras infantis.

Outrossim, segundo Simões (2017), a Literatura pode ser entendida como a arte de tecer e retecer textos. Ela antecede a Psicanálise e pode ser considerada como uma manifestação do inconsciente para, por intermédio das palavras, assimilar a vivência do corpo com a realidade. Há um ruído em cada enunciado, uma palavra dita, uma palavra não dita, uma interrogação, uma reticência. Engendra-se uma aposta no desejo do sujeito. Esse ruído interessa à Psicanálise (Simões, 2017).

Homem (2001) destaca que Clarice Lispector pertence a essa tradição e história. A obra de Clarice interessa à Psicanálise porque os escritos de tal autora ensinam ao psicanalista uma escuta e um olhar nevrálgico das formas de subjetivação que estão presentes na clínica. A literatura clariciana ilumina com o seu dizer e concede a oportunidade de uma escuta singular, pois alberga o enigma da linguagem, ofertando, dessa forma, a possibilidade do sujeito se expressar (Simões, 2017).

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920; e morreu no Rio de Janeiro, no dia 09 de dezembro de 1977 (Simões, 2017). Se atualmente é tida como uma figura mítica da literatura brasileira, sendo considerada brilhante, bela e misteriosa, sua história foi recheada de obstáculos que a tornavam mais enigmática do que demonstrava a sua imagem oficial (Moser, 2011).

A família de Clarice deixou a Ucrânia em 1921, na condição de refugiados de guerra. No ano de 1922, chegaram ao Brasil em busca de sobrevivência. Clarice chegou ao Brasil com um ano e meio. Inicialmente, a sua família morou em Maceió, mas logo em seguida mudaram-se para Recife, onde Clarice permaneceu por alguns anos (Simões, 2017).

Moser (2016) destaca que Clarice Lispector se tornou célebre no final de 1943, quando publicou o livro “Perto do Coração Selvagem”. Nessa época, Clarice tinha 23 anos, era uma estudante enigmática pertencente a uma família de imigrantes pobres.

Posteriormente, casou-se com Maury Gurgel Valente, diplomata carioca, com quem viveu nos Estados Unidos e na Suíça. Em um dilema entre a rotina doméstica e as ambições literárias, divorciou-se em 1959 e voltou para o Rio de Janeiro, acompanhada dos seus 2

filhos, visando debruçar-se sobre a vida de escritora (Moser, 2011).

Em "Perto do Coração Selvagem" (2014), duas mulheres se destacam: Joana, mulher impetuosa, independente e apaixonada; e Lídia, dona de casa resignada, convencional e austera. As duas personagens femininas coabitavam Clarice (Moser, 2011).

O livro "Perto do Coração Selvagem" (2014), discorre sobre a história de Joana. A protagonista é criada pelo pai, pois a mãe, Elza, faleceu. Em meio às brincadeiras com o pai, na sua infância, Joana sempre se mantém insatisfeita, algo que parece apontar para um desejo inominável.

No decorrer da história, Joana busca nomear o seu desejo por meio de outras relações: com um professor, com seu marido e com um homem que ela passa a se encontrar amorosamente. Mantendo-se insatisfeita em todas essas relações, Joana decide fazer uma viagem sem um destino definido, chegando à conclusão que o que ela deseja, não se tem um nome.

O desejo, de acordo com a concepção freudiana, é utilizado a partir da teoria do inconsciente. Desejo, nesse contexto, trata-se, em concomitância, de uma propensão e a realização de tal propensão. Nessa perspectiva, o desejo consiste em uma realização de um voto ou anseio inconsciente (Roudinesco e Plon, 1998).

Por sua vez, no presente artigo objetiva-se, a partir do livro "Perto Coração Selvagem" (2014), estudar o conceito da teoria freudiana do desejo presente no capítulo 07 do livro "A Interpretação dos sonhos".

2 Metodologia

Será utilizada a metodologia de investigação psicanalítica, na qual irá se iniciar discorrendo sobre o conceito de desejo, segundo Freud. Logo após, haverá a apresentação da narrativa do livro escolhido. E em seguida, finalmente tentará observar se o trabalho em questão pode trazer alguma contribuição para os estudos que interseccionam a Psicanálise e a Literatura.

Levando em consideração o supracitado, este trabalho se dividirá em dois momentos. O primeiro momento consistirá no estudo do conceito de desejo, de acordo com Freud, levando em consideração o capítulo 7 do livro "A Interpretação dos Sonhos". Logo depois, irá se adentrar na possível análise psicanalítica do livro "Perto do Coração Selvagem", de Clarice Lispector. Para em seguida, se pensar acerca da relação dos conteúdos apresentados esmiuçando os pontos fulcrais de ambos.

A análise em questão, terá como fundamento o texto freudiano "O Moisés de Michelangelo" (1914/2015). Em tal texto, Freud faz a análise da estátua de Moisés, esculpida por Michelangelo. Tal estátua faz parte de um monumento, em Roma.

3 A teoria freudiana do desejo

Freud, no capítulo 07 do livro "A Interpretação dos Sonhos" (1900/1987), define o conceito de desejo ao mencionar que um bebê faminto dá pontas pés ou grita, mas a situação continua imutável, haja vista que a excitação originada de uma necessidade interna não está relacionada a força que gere um impacto momentâneo, mas sim a uma força que se encontra permanentemente em ação.

Só haverá uma mudança, quando, de uma forma ou de outra, por meio de um auxílio externo, alcança-se uma "vivência de satisfação" que colocará fim a um estímulo. Um componente crucial que surgirá dessa vivência de satisfação é uma percepção específica na qual a imagem mnêmica fica relacionada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade (Freud, 1900/1987).

Devido ao vínculo produzido, posteriormente quando essa necessidade acontecer novamente, surgirá imediatamente uma moção psíquica que buscará recatexizar, por sua vez, a imagem mnêmica da percepção e evocar, mais uma vez, a própria percepção, ou seja, restabelecer a circunstância da satisfação original (Freud, 1900/1987). Sobre isso, Freud afirma:

Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção (Freud, 1900/1987).

4 "O que desejo ainda não tem nome"

De acordo com Sanches (2010), a forma como o Freud desenvolve o conceito de desejo em a "Interpretação dos Sonhos", mostra que toda a sua investigação parte da premissa que o desejo é concebido na busca do sujeito por anular a separação irreversível entre ele e os objetos primários de satisfação.

Em "Perto do Coração Selvagem" (2014), Joana parece buscar por meio das figuras de amor que perpassam a sua vida anular a separação irreversível entre ela e os objetos primários de satisfação, algo da ordem de uma satisfação plena. Porém, a protagonista sempre se frustra

em tal objetivo, até chegar à conclusão que o que deseja, não se pode nomear.

Assim como pontua Silva, o desejo de Joana desliza “do pai ao professor, do professor a Otávio, de Otávio ao homem-amante com quem ela se encontra clandestinamente” (Silva, 2020, p.170).

Com base no supracitado, a análise feita no presente artigo descreverá a relação de Joana com o pai, com o professor, com o marido e com um homem que ela mantém um caso extraconjugal, buscando articular tal descrição com a teoria freudiana do desejo.

4. 1 Pai

A MÁQUINA DO PAPAÍ batia tac-tac... tac-tac-tac... O relógio acordou em tin-dlen sem poeira. O silêncio arrastou-se zzzzzz. O guarda-roupa dizia o quê? roupa-roupa-roupa. Não, não. Entre o relógio, a máquina e o silêncio havia uma orelha à escuta, grande, cor-de-rosa e morta. Os três sons estavam ligados pela luz do dia e pelo ranger das folhinhas da árvore que se esfregavam umas nas outras radiantes (Lispector, 2014, p. 07).

Joana passou a sua tenra infância junto somente ao seu pai, um escritor, tendo em vista que a sua mãe faleceu muito precocemente. Enquanto o pai trabalhava, Joana procurava se divertir com as mais diversas brincadeiras, como, por exemplo, fazer poesias e brincar de boneca.

Já vestira a boneca, já a despira, imaginara-a indo a uma festa onde brilhava entre todas as outras filhas. Um carro azul atravessava o corpo de Ariete, matava-a. Depois vinha a fada e a filha vivia de novo. A filha, a fada, o carro azul não eram senão Joana, do contrário seria pau a brincadeira. Sempre arranjava um jeito de se colocar no papel principal exatamente quando os acontecimentos iluminavam uma ou outra figura. Trabalhava séria, calada, os braços ao longo do corpo (Lispector, 2014, p. 08).

Joana sempre sentia que entra ela e os objetos existe alguma coisa, mas quando pegava tal coisa na sua mão, como a uma mosca, e logo depois espreitava, mesmo tendo cuidado para que nada escapasse, só se deparava com a sua própria mão, rósea e desapontada.

Esse era um dos segredos de Joana. Nunca se permitiria dizer, mesmo ao pai, que não era possível pegar "a coisa". Tudo o que tinha mais valor, ela não podia contar exatamente. A protagonista, no decorrer das suas brincadeiras, sempre demandava do seu pai a nova brincadeira que iria lhe entreter, parecendo assim nunca se satisfazer completamente.

— Papai, que é que eu faço?
— Vá estudar.
— Já estudei.

— Vá brincar. — Já brinquei.
— Então não amole (Lispector, 2014, p. 08).

Não encontrando a satisfação plena junto ao seu pai, por meio das brincadeiras, Joana, posteriormente, vai buscar em outras relações procurar “restabelecer a situação de satisfação original” (Freud, 1900/1987, p. 130). Segundo Freud (1900/1987), por meio da transferência, as moções de um desejo inconsciente procuram tornar-se efetiva.

Por sua vez, Joana, no decorrer da sua vida, via transferência, buscará outras figuras que possam lhe remeter a “satisfação original” (Freud, 1900/1987, p.130), como, por exemplo, um professor, o marido (Otávio) e um homem que ela passará a ter um caso extraconjugal.

Ademais, após a morte do seu pai, Joana, já na puberdade, vai morar com uma irmã do seu pai. Porém, tal tia diz não se sentir bem com a presença da menina, menciona que fica agitada e com a sensação que se encontra sendo vigiada quando Joana está por perto.

Além disso, fica perplexa ao presenciar Joana roubando um livro, durante o passeio delas em uma livraria. Ao abordar a menina sobre tal ato, ela diz que não se sente culpada, pois pode tudo. Mediante a isso, sua tia planeja, durante uma conversa com o seu marido, mandar Joana para um internato, haja vista que ela é uma víbora. Ao ouvir isso, Joana vai buscar apoio junto a um professor que ela guarda uma paixão em segredo.

4. 2 Professor

Joana ao ir buscar apoio junto ao professor, após ser nomeada como víbora pela tia, é acolhida por ele:

Fugiu mais uma vez para o professor, que não sabia ainda que ela era uma víbora... O professor admitia-a de novo, milagrosamente. E milagrosamente ele penetrava no mundo penumbroso de Joana e lá se movia de leve, delicadamente (...) Ela continuava a ouvi-lo e era como se os seus tios jamais tivessem existido, como se o professor e ela mesma estivessem isolados dentro da tarde, dentro da compreensão (Lispector, 2014, p. 27-28).

No decorrer da conversa com o professor, ele encoraja Joana a buscar o seu verdadeiro sentido. Defende que a vida não é sobre valer mais para os outros, no que se refere a ser um humano ideal, mas sim sobre valer mais dentro de si próprio. Ele ainda pondera sobre a busca do prazer e a insatisfação que perpassam todos os seres humanos:

Afinal nessa busca de prazer está resumida a vida animal. A vida humana é mais complexa: resume-se na busca do prazer, no seu temor, e sobretudo na insatisfação dos intervalos, É um pouco simplista o que estou falando, mas não importa por enquanto. Compreende? Toda ânsia é busca de prazer. Todo remorso, piedade, bondade, é o seu temor. Todo o desespero e as buscas de outros caminhos são a insatisfação. Eis aí um resumo, se você quer (Lispector, 2014, 27).

Em um certo momento do diálogo com a Joana, o professor a estende a sua mão. Ela como reação estremece de prazer, logo em seguida, dá a sua mão, ruborizada. Porém, esse momento é interrompido pela entrada da esposa do professor no aposento, o que parece frustrar Joana: “lá estava o professor de novo distante, a mão recolhida, os lábios puxados para baixo, indiferente como se Joana não fosse senão sua ‘amiguinha’ (...)” (Clarice, 2014, p. 29).

Após cumprimentar a esposa do professor, Joana vai embora. No caminho, em meio a muitas reflexões, chega à conclusão que voltará a ser uma víbora sozinha: “Agora sou uma víbora sozinha. Lembrou-se de que se separara realmente do professor, que depois daquela conversa jamais poderia voltar... Sentiu-o longe, no ambiente que já agora ela recordava com espanto e sem familiaridade. Sozinha” (Clarice, 2014, p. 32).

Joana acaba sendo mandada para o internato pelos tios. Anos depois, após sair de lá, procura o professor novamente antes de se casar com o seu futuro marido, Otávio. Precisava o encontrar, o sentir firme e frio. Sentia que estava traindo toda a sua vida posterior com o casamento. Desejava ver novamente o professor, visando sentir o seu apoio.

O professor a recebeu com um semblante distraído e sereno. Joana queria ouvi-lo, o sacudir. Porém, parece frustrada com a forma que encontra o professor, que, no passado, lhe deu conselhos tão preciosos:

Com as olheiras escuras parecia uma fotografia antiga. Fazia perguntas a Joana e mal ela iniciava a resposta ele deixava de ouvir, como enfim desobrigado. Várias vezes se interrompia, a atenção voltada para o relógio e para a mesinha dos remédios. Ela olhava ao redor e a meia escuridão era úmida e ofegante. O professor parecia um grande gato castrado reinando num porão (Clarice, 2014, p. 56).

Mais uma vez, Joana não consegue alcançar o objeto por excelência do seu desejo. A respeito disso, Mezan (1982) pontua:

O desejo freudiano é desejo de abolir a divisão, o que o assinala como horizonte do impossível: pois o objeto que o aplacaria já foi perdido, e a repetição não é mais do que sua busca desesperada. Tal busca, contudo, é dominada por duas determinações antagônicas. Por um lado, o desejo é singularizado pela fantasia: não é qualquer objeto que lhe convém, mas somente aqueles que se coadunam com suas exigências imaginárias, articuladas segundo os vestígios do passado. Por outro lado, a realidade inexorável lhe proíbe o acesso ao Objeto por excelência, o primeiro e mais fundamental de todos (...) (p. 340).

Após o encontro com o professor, no qual Joana sai frustrada, tendo em vista que não consegue o apoio que almejava, Joana vai embora. Mesmo submergida na dúvida se deveria casar ou não com Otávio, acaba decidindo se casar.

4.3 Marido (Otávio)

Otávio estava noivo de sua prima Lídia, quando conheceu Joana, mas ao se deparar com Joana, acaba sendo fisgado: “Otávio pensava que ao lado de Joana poderia continuar a pecar” (Clarice, 2014, p. 49). A partir disso, decide se casar com ela.

Já o casamento deles para Joana a remete a um lugar de vazio: “Sentiu-se depois como se tivesse voltado às suas verdadeiras proporções, miúda, murcha, humilde. Serenamente vazia. Estava pronta. Procurou-o então. E a nova glória e o novo sofrimento foram mais intensos e de qualidade mais insuportável. Casou-se” (Clarice, 2014, p. 49-50). Após o casamento, ela torna-se “tristemente uma mulher feliz” (Clarice, 2014, p. 55).

No cotidiano do casamento deles, Joana demonstra sempre desejar para além daquilo que Otávio o pode oferecer:

“Nunca terei pois uma diretriz, pensava meses depois de casada. Resvalo de uma verdade a outra, sempre esquecida da primeira, sempre insatisfeita. Sua vida era formada de pequenas vidas completas, de círculos inteiros, fechados, que se isolavam uns dos outros. Só que no fim de cada um deles, em vez de Joana morrer e principiar a vida noutra plano, inorgânico ou orgânico inferior, recomeçava-a mesmo no plano humano. Apenas diversas as notas fundamentais. Ou apenas diversas as suplementares, e as básicas eternamente iguais? Era sempre inútil ter sido feliz ou infeliz. E mesmo ter amado. Nenhuma felicidade ou infelicidade tinha sido tão forte que tivesse transformado os elementos de sua matéria, dando-lhe um caminho único, como deve ser o verdadeiro caminho. Continuo sempre me inaugurando, abrindo e fechando círculos de vida (...)” (Clarice, 2014, p. 51).

O desejo inominável de Joana, ao mesmo tempo que lhe traz inquietações, também parece a movimentar em direção ao seu coração selvagem. Para Freud, “nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho psíquico em ação” (Freud, 1900/1987, p. 131).

Ao observá-lo, enquanto ele estudava Direito no escritório da casa deles, se via submergida em várias inquietações. Pensava constantemente em deixá-lo. Sentia que a sua presença, e para além da sua presença - a sua existência - a deixava sem liberdade. Porém, Joana sempre postergava essa decisão: “(...) vou deixá-lo um dia (...) Adiar, só adiar, pensou Joana antes de deixar de pensar” (Clarice, 2014, p. 62).

Um dia, Joana descobre que Otávio mantém uma relação extraconjugal com a sua prima e ex-noiva, Lídia. Joana decide ir conversar com ela. No decorrer da conversa, começa

a refletir sobre o que significa o casamento para ela: "(...) o casamento é o fim, depois de me casar nada mais poderá me acontecer. Imagine: ter sempre uma pessoa ao lado, não conhecer a solidão" (Clarice, 2014, p. 83).

Como conclusão, decide que deixará Otávio ficar com Lídia só depois que também tiver um filho dele. Todavia, tais planos não são alcançados por Joana, pois Otávio decide a deixar antes de terem um filho. Mas antes de se separarem, Joana começa a ter um caso extraconjugal com outro homem.

4.4 Homem

Quando saiu da casa de Lídia, Joana percebeu que estava sendo seguida por um homem: "Joana sentiu-o enquanto atravessava o pequeno jardim de Lídia, ignorando onde iria, sabendo apenas que deixava atrás de si tudo o que vivera. Quando fechou o portãozinho, afastou-se de Lídia, de Otávio, e, de novo sozinha em si mesma, caminhava" (Clarice, 2014, p. 89).

Joana já tinha sido seguida outras vezes por aquele homem, então acreditou que ele apenas estava a seguindo mais uma vez. Mas em decorrência do seu cansaço, resolveu parar. Ele veio até ela. Ao se aproximar, ambos permaneceram em silêncio:

O silêncio se prolongava à espera do que pudessem dizer. Mas nenhum dos dois descobria no outro o começo de alguma palavra. Fundiam-se ambos na quietude. Aos poucos ele deixou de palpitar, seus olhos pousaram mais fundo no corpo da mulher, apoderaram-se suavemente dele e de seu cansaço. Olhava-a esquecido de si próprio e de sua timidez (Clarice, 2014, p. 91).

Ele convidou Joana para ir até a sua casa. A partir de então, eles passaram a construir um laço que fez Joana sentir que estava amando novamente: "Ele era lindo. E sobretudo estava vivo. E sobretudo eu o amava. Eu nascia, e meu coração era novo quando eu o via. Eu nascia, eu nascia, eu nascia" (Clarice, 2014, p. 94).

Entretanto, um certo dia, Joana recebeu um bilhete dele se despedindo:

Tive que ir embora por um tempo, tive que ir, vieram me buscar, Joana. Eu volto, eu volto, espere por mim. Você sabe que não sou nada, eu volto. Eu nem chegaria a ver mesmo e a ouvir se não fosse você. Se me abandonar, ainda vivo um pouco, o tempo que um passarinho fica no ar sem bater asas, depois caio, caio e morro. Joana. Só não morro agora porque volto, não posso explicar, mas posso ver através de você (Clarice, 2014, p. 107).

Joana, ao ler a carta, viu novamente um círculo da sua vida se fechando. Sentiu que na sua vida tudo desliza sobre ela, nada a pertence. Ao se ver sem Otávio e sem o homem que tivera um caso, Joana decide fazer uma viagem sem rumo definido.

A protagonista, no fim da história, parece se a ver com a impossibilidade de nomear um “objeto por excelência” (Mezan, 1982, p. 340) que, supostamente, anularia a separação entre ela e os objetos que lhe trouxeram uma satisfação primária, algo que pode ser ilustrado pela sua decisão de fazer uma viagem com destino inominável.

Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável. Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada (Clarice, 2014, p. 112).

5 Conclusão

O presente artigo buscou, por meio de percepções do livro “Perto do Coração Selvagem” (2014), discutir sobre a teoria freudiana do desejo, segundo o Capítulo 07 do livro “A Interpretação dos sonhos” (1900/1987). Analisando a relação da Joana com o pai, o professor, o marido (Otávio) e um homem que ela manteve um caso extraconjugal, chega-se à conclusão que o livro traz contribuições importantes para a compreensão da teoria freudiana do desejo.

Joana por meio das brincadeiras na presença do pai, das conversas com o professor, do casamento com Otávio e do caso extraconjugal com um homem, encontra-se sempre na busca por anular a separação irreversível entre ela e os objetos primários de satisfação. Tal circunstância se repete até a protagonista chegar à conclusão da condição deslizando dos seus supostos objetos de satisfação, algo simbolizado pela sua decisão de fazer uma viagem sem rumo definido.

A viagem de Joana, no fim do livro, sem um destino definido, metaforicamente, soa como um fim de análise, em que o sujeito se depara com a impossibilidade da satisfação original, permitindo-o a lidar com a parcialidade dos seus objetos de satisfação. Joana na odisséia rumo ao seu coração selvagem, parece querer firmar a sua condição desejanse.

Referências bibliográficas

- BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. (Trad. Álvaro Lorencine). São Paulo: Cultrix, 1978.
- CLARICE, L. **Perto do coração Selvagem**. Brasil. ROCCO, 2014.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1900/1987.
- FREUD, S. **O poeta e o fantasiar**. In: Arte, literatura e os artistas – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 1908/2015.
- FREUD, S. **O Moisés de Michelangelo**. In: Arte, literatura e os artistas – Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 1914/2015
- HOMEM, M. L. S. F. **No limiar do silêncio e da letra**: traços da autoria em Clarice Lispector. 2001. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MEZAN, R. **Freud**: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. 1 ed. 2. reimpressão – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NOBRE, T. L. **Considerações sobre Psicanálise e literatura**: uma leitura de Madame Bovary. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 19, n. 2, p.207-224, 2010.
- ROUDINESCO E PLON. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SANCHES, P. R. P. **A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão**. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 97-108, 2010.
- SILVA, G. A. **Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector**: romance de errância subjetiva. *Revista Escrita*, v. 2020, n. 28, p. 156-176, 2020.
- SIMÕES, R. B. S. **Psicanálise e literatura - O texto como sintoma**. *Analytica*, São João del Rei, v. 6, n. 11, p. 159-179, dez. 2017.
- VILLARI, A. **Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura**. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 117–129, 1997.